



**DURANT, Will. *Nossa Herança Clássica. A História da Civilização.*  
Vol. II. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995, ISBN 85-01-28822-5.**

Bárbara DANTAS<sup>1</sup>

ENVIADO: 26.10.2020  
ACEPTADO: 09.11.2020

\*\*\*

Prosseguimos com nossa proposta analítica de resenhar toda a *História da Civilização*, monumental coleção escrita por Will e Ariel Durant a partir da década de 30 do século XX, de modo ampliado e relacionado com as sugestivas relações entre texto e imagem, história e literatura, filosofia e cultura tão típicas da perspectiva totalizante do autor.<sup>2</sup> Ela coaduna-se com a historiografia de seu tempo, de Fernand Braudel (1902-1985) a Marc Bloch (1886-1944). Na linha dos historiadores que se aventuraram na escrita de uma *História Universal* (p. 483), o casal Durant enfrentou com destreza a difícil tarefa de apresentar ao leitor distintos períodos históricos da forma mais completa possível, das artes à política, do cotidiano à filosofia. Este volume, *Nossa Herança Clássica*, da lavra de Will Durant (1885-1981), segundo volume de um total de 11, demonstra a minuciosa busca por distintas fontes primárias onde nada lhe passou despercebido: a arqueologia mereceu destaque, bem como objetos cotidianos e descrições de obras de arte perdidas.

A generosidade e cuidado com os temas é visível no registro de trabalhos de colegas de profissão, especialistas em diferentes áreas afins com a História. À imensidão de fontes primárias e secundárias citadas, com rara maestria, tornou-as inteligíveis. Por meio de recortes cronológicos e temáticos, agrupou o que estava disperso e traduziu em uma fórmula simples o que era complexo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda (bolsista FAPES) em *História Social das Relações Políticas* na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Orientadora: Profa. Dra. [Almerinda da Silva Lopes](#). Website: [www.barbaradantas.com](http://www.barbaradantas.com). E-mail: [babicovre@gmail.com](mailto:babicovre@gmail.com).

<sup>2</sup> Iniciada em DANTAS, Barbara. “[DURANT, Will. A História da Civilização I. Nossa herança oriental. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995, ISBN 85-01-28821-7](#)”. In: BEATRIZ VIOLANTE, Susana; COSTA, Ricardo da (orgs.). (orgs.). [Mirabilia Journal 28 \(2019/1\). The Medieval Aesthetics. Image and Philosophy](#).



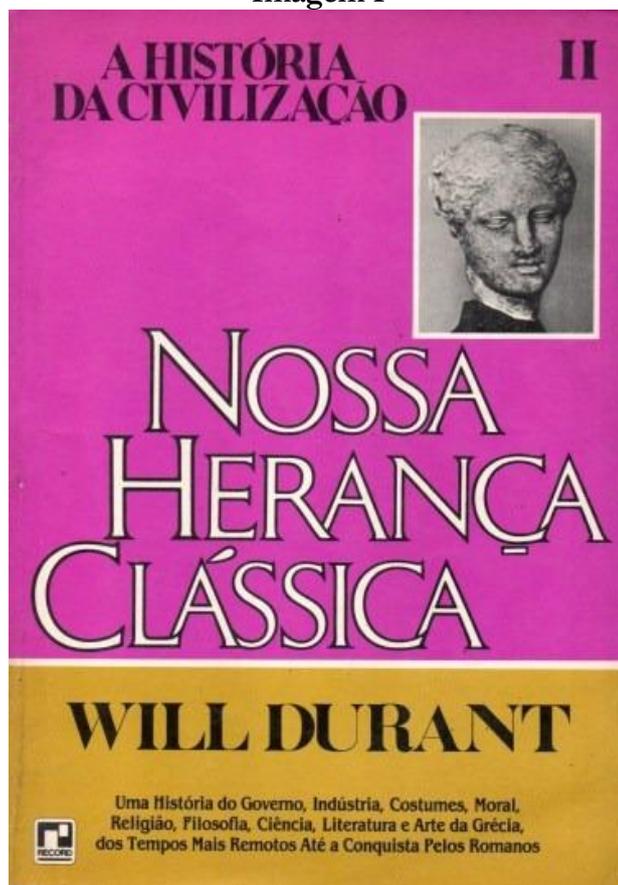
Mirabilia 31 (2020/2)

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Talvez inspirado pelos historiadores gregos, este volume oferece uma narrativa tão leve e clara que mais parece um diálogo *face to face* com o dr. Durant do que a leitura de seu livro. O que nos remete a Plutarco (46-120 d.C.), historiador grego dos tempos em que Roma imperava, ao se referir à Tucídides (460-400 a. C.), historiador da Grécia Clássica:

[...] o historiador é aquele que faz a sua narração descrevendo os sentimentos e delineando o caráter dos personagens como se se tratasse de uma pintura. Assim, com sua prosa, Tucídides se esforça sempre para obter essa eficácia expressiva, desejando ardentemente fazer do ouvinte um espectador e de tornar vivos para quem os lê os fatos emocionantes e perturbadores dos quais eram testemunhas oculares.<sup>3</sup>

Imagem 1



Durant foi um historiador que amava a geografia e o seu produto, a cartografia. Em seus livros, antes ou no meio da narrativa, não deixou de localizar o tema ou o

<sup>3</sup> PLUTARCO. *La gloria di Atene*. Nápoles: D'Auria, 1992, p. 51. Citado em: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 23.



Mirabilia 31 (2020/2)

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

contexto no mapa imaginário que suas palavras ajudam a desenhar. E, de fato, esta é a melhor forma de apreender o universo grego da Antiguidade: “Nós o tomaremos pelo agradável método da *tournée*: com um mapa aberto diante de nós; e sem despendar mais do que um pouco de imaginação iremos examinando cidade por cidade do mundo grego” (p. 58).

A Grécia da Antiga não estava circunscrita a um centro e suas periferias, haja vista que não existiu unidade ou centro político fixos e constantes entre os seus numerosos estados, conhecidos pela historiografia como *ciudades-estados*, urbes onde todos deviam falar a língua grega e cultuar os deuses gregos (p. 57).

Imagem 2



A noção de cidade-estado significa um conjunto de aglomerados urbanos ou campestres reunidos – pela força da vontade ou da espada – em torno de uma cidade poderosa. Assim ocorreu com Atenas e Esparta: as regiões vizinhas que se uniram a Atenas aceitaram a submissão por interesses econômicos e estratégicos. Por sua vez, a



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

escravização do povo da cidade de Helo, foi o início da expansão militar de Esparta aos seus arredores, e a gênese da escravidão dos hilotas (p. 60).

Por Grécia entende-se “todos os territórios ocupados na antiguidade por povos de idioma grego” (p. 55). Também conhecida como *Hélade*, foi o território dos *helenos*, aqueles que nós chamamos de gregos por causa dos romanos, como veremos adiante. Na “infância do mundo” (p. 23), entre os séculos XIV e XIII a.C., os aqueus se expandiram a partir da Tessália em direção ao sul, conquistando qualquer tribo que encontrassem pela frente. Foi dessa forma que o grego, idioma dos aqueus, tornou-se a língua da futura Grécia (p. 31-32). Nos mitos que os gregos formularam para explicar suas origens, estava Hélen, fundador de “todas as tribos gregas, que por isso tomaram o nome de helênicas” (p. 33). Os gregos descendentes dos aqueus tomaram todo o Peloponeso e a Ática. Nesta, Crécrops, favorecido pela deusa Atena, fundou uma cidade que nomeou em honra à divindade que o auxiliou na difícil empreitada: chamou-a de Atenas.

**Imagem 3**



A *Acrópole de Atenas*, nos dias atuais, ainda se destaca na formação rochosa que encima. No auge da cidade-estado, no século V a.C., era o coração da poderosa urbe.

Em que consistiu a Civilização Grega, Atenas e Esparta? Não, absolutamente.

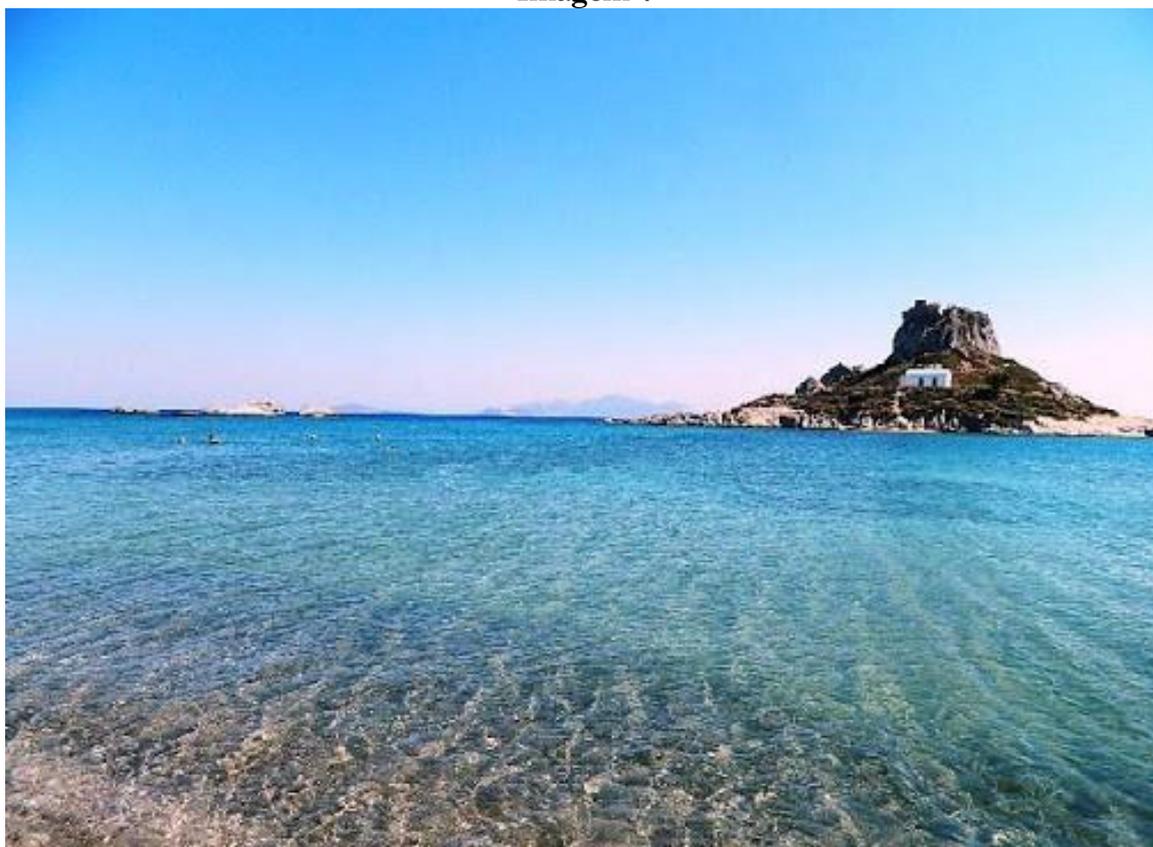


*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Apesar de Platão (428-348 a. C.) e Sócrates (469-399 a. C.) serem crias de Atenas e o rei-herói Leônidas (540-480 a. C.) de Esparta, outras regiões foram fundamentais para a formação da cultura grega, em especial, suas ilhas.

#### Imagem 4



A transparência e os tons de azul de uma *praia de Cós*, ilha do Mar Egeu onde nasceu Hipócrates (460-377 a.C.), considerado o pai da medicina.

No azul ora turqueza, ora celeste do Mar Egeu se formaram varios arquipélagos, dentre eles, as Cíclades: 220 ilhas que rodeiam outra famosa ilha, Delos. Já as Espórades formam um arquipélago perto de Rodes, ilha na qual o mitologia que a envolve é tão antiga quanto a cultura pré-histórica que povoou a ilha. Para Durant, Rodes foi o efêmero e raro centro a partir do qual, no século III a.C., “todo o mundo grego pensou e agiu como um só corpo” (p. 450).



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

**Imagem 5**



*Entrada do antigo porto, onde se situava o Colosso de Rodes, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo.*

**Imagem 6**



Reconstituição computadorizada que sugere como era o *Colosso de Rodes*.

Mas existem outros arquipélagos: As ilhas Sarônicas e as Jônicas, o Dodecaneso, além das ilhas mais solitárias, como Lesbos, lar da poetisa Safo (630-604 a.C.). Seus poemas são tesouros antigos em homenagem ao amor. Assumidamente atraída por mulheres, (p. 121), Safo é o motivo pelo qual a ilha de Lesbos se tornou a fonte histórica para o nome das mulheres que preferem mulheres: as lésbicas.



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

As formações insulares da Grécia totalizam quase mil ilhas. Porém, apenas cerca de 200 eram e ainda são habitáveis. Se recorrermos ao mapa imaginário de Durant, ou retornarmos à **Imagem 1**, encontraremos a Ilha de Creta, bem ao sul, a maior ilha da Grécia e berço da Civilização Egéia (p. 17). A partir de Creta, navegando para o norte até as terras continentais da Trácia – de onde os gregos trouxeram o culto das Musas (p. 57) – observaremos que as ilhas salpicam o mar com semi-submersas montanhas, em grande parte estéreis.

### Imagem 7



*Ilha de Creta hoje, no sul do Mar Egeu, berço das culturas Micênica e Minóica, anteriores e progenitoras da Civilização Grega.*

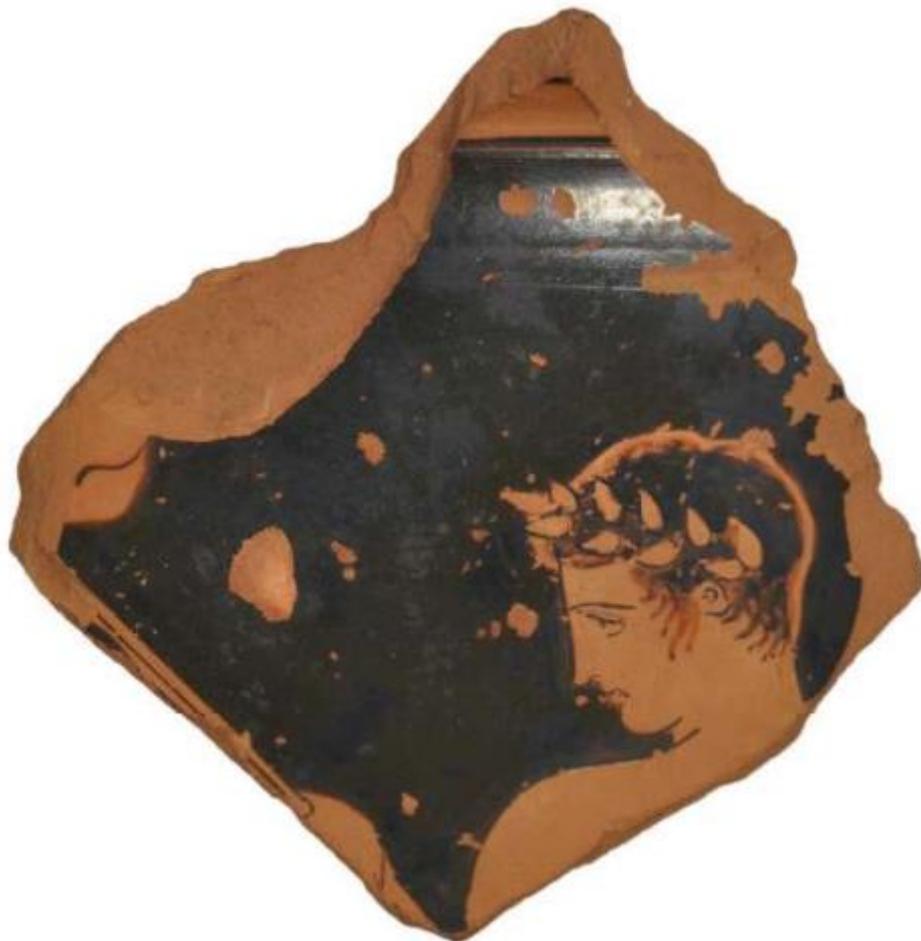
“Solo pobre: dos 630.000 acres da Ática, um terço se compunha de terras impróprias para a cultura e o resto achava-se empobrecido pelo desflorestamento, pela escassez de chuvas e pela rapidez da erosão” (p. 210). A agricultura continental e insular foi pouco produtiva. Exceção feita às uvas e às oliveiras, base da alimentação grega, junto aos cereais. Carne era um luxo para poucos e as verduras e peixes não eram apreciados. “Sem a importanção de gêneros a Atenas de Péricles teria morrido de fome” (p. 211).



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

### Imagem 8



*Figura porta uma coroa de ramos.* Fragmento de cratera grega de pinturas vermelhas, Náucratis - Ática, c. 425-400 a.C. [British Museum](#).

A Cultura da oliveira, matéria-prima do azeite, salvou a boa mesa e a economia dos gregos. O azeite grego de hoje começou naqueles tempos sua caminhada rumo ao sucesso, era o “mais precioso produto agrícola da Ática” (p. 211). À medida que a cultura da oliveira se tornava importante, seu valor simbólico também aumentou. A ponto de a mais desejada e honrosa premiação ao atleta olímpico ser portar uma coroa feita com ramos de oliveira ou de louros.

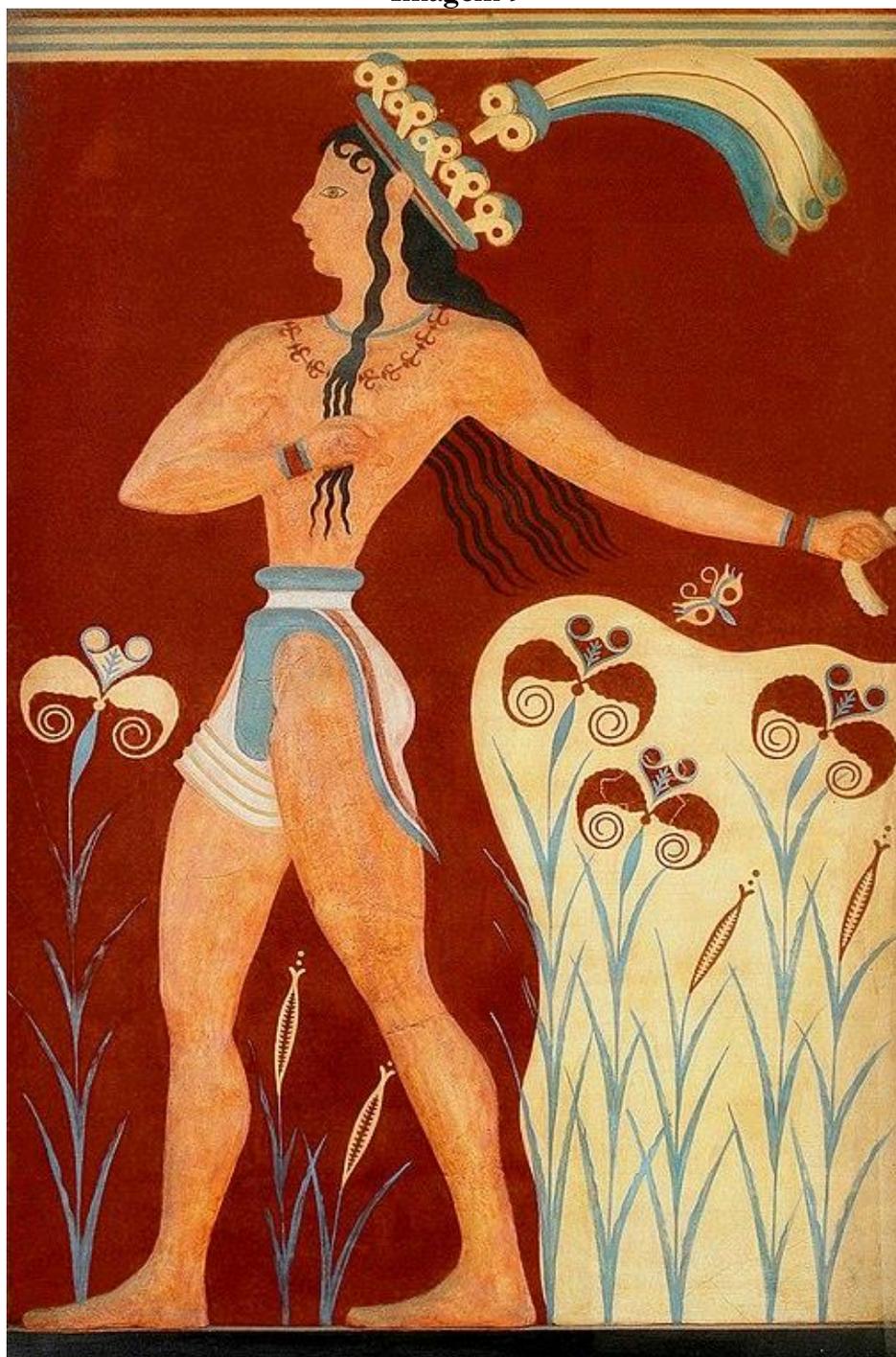
Durante nos conta que nem a ameaça da imensa horda persa impediu a realização dos jogos em 480 a.C.: “Céus! exclamou um dos persas, dirigindo-se a seu general, *Que espécie de homens são estes contra os quais nos trouxestes para lutar? Homens que brigam entre si não por dinheiro, mas por honra!*” (p. 170).



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

### Imagem 9



*Príncipe dos lírios.* Afresco do Palácio de Cnossos - Creta, entre os séculos XIX a XVI a. C. Descoberto e restaurado por Sir Arthur Evans (1851-1941) por volta de 1900.



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Em compensação, o solo e as montanhas insulares eram ricos depósitos de metais e de mármore multi-coloridos, motivo para muitas disputas e para a criação de enormes fortunas, antes mesmo da Grécia existir quer como ideia, quer como território, ou seja, ainda sob a influência de Cnossos - Creta (p. 8). Esta antiga cidade foi escavada por arqueólogos no início do século XX. O que descobriram foi o palácio e seus esplêndidos afrescos com imagens da natureza exuberante daqueles tempos, de sangrentas touradas e de danças com animais tão perigosas quanto impressionantes, além de outras maravilhas da vida cretense de então (p. 10-11).

Mas, aquelas atividades extrativistas contra as florestas custou caro aos poucos lugares da Grécia que eram forrados com árvores e, conseqüentemente, às populações daquelas áreas. Uma de suas vítimas, foi Creta:

Não sabemos qual das inúmeras formas de decadência escolheu Creta; talvez todas. Suas florestas de cipreste e cedro, outrora famosas, desapareceram; hoje dois terços da ilha são formados de solo pedregoso, incapaz de reter as chuvas do inverno (p. 17).

Séculos antes de Cristo, o homem já destruía de forma irreparável a natureza. A ilha de Chipre teve o mesmo fim, “suas florestas foram reduzidas a lenha” (p. 27). Os nativos da ilha derrubaram as matas para a madeira servir de combustível para os fornos que fundiam o cobre.

**Imagem 10**



“O eco das ruínas” (p. 9) na ilha de Chipre.



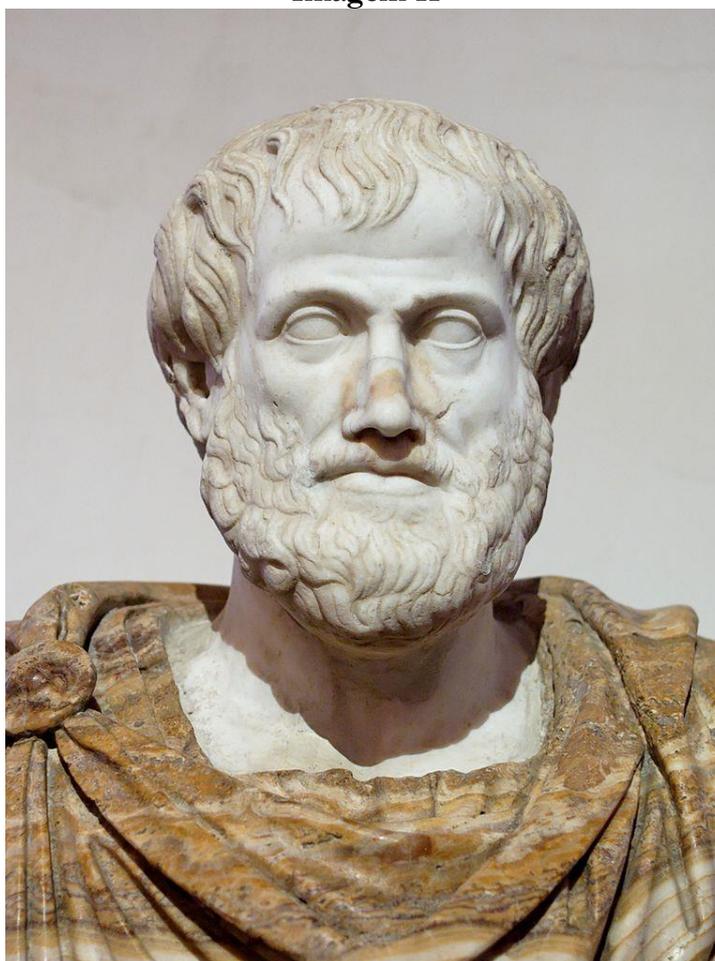
*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Os fenícios também colaboraram com a desmatação da ilha, suas famosas naus foram construídas com a madeira das florestas já escassas. Quando os gregos ali chegaram, terminaram o serviço, desmataram extensas áreas para o cultivo de alimentos (p. 107).

Mas, como a História “não serve para nada...”,<sup>4</sup> a Humanidade continuou a depredar o mundo, de região em região, de um continente a outro. Prova disso está em outra região, a Antiga Mesopotâmia. Haja vista que o *Crescente Fértil*, as terras banhadas pelos rios Tigre e Eufrates, região na qual floresceu uma civilização mais antiga que a grega, a Mesopotâmica, há muito tempo já tinha morrido de morte lenta.

#### Imagem 11



*Busto de Aristóteles*, cópia romana da obra de Lisipo, 330 a.C. Museu Nacional Romano.

---

<sup>4</sup> COSTA, Ricardo da. “Para que serve a História? Para nada...”. In: *Visões da História*. Santo André: Armada, 2019, p. 57-83. [Internet](#).

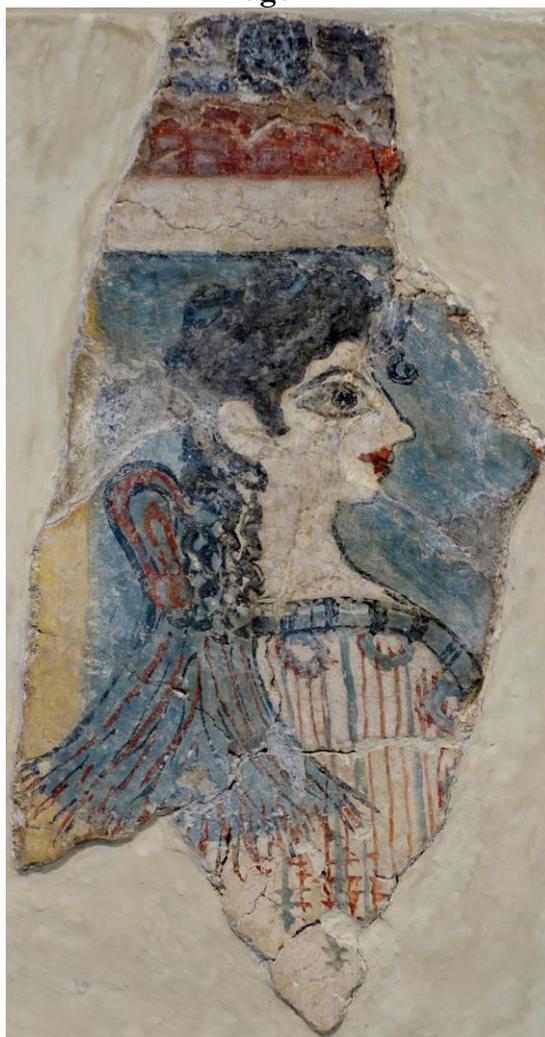


*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Nos arquipélagos ou no continente, naquelas antigas e diminutas urbes, “cada uma dessas cidadezinhas era o centro do mundo” (p. 72). Centro ao qual se referiam em seus sobrenomes ao invés de individualizar-se pelo parentesco, ou seja, associavam o nome da pessoa ao local de seu nascimento (p. 225): Tales de Mileto (624-546 a. C.), Aristóteles de Estagira (385-322 a. C.), Arquimedes de Siracusa (288-212 a. C.) etc. Lamentável, desabafa Durant, o fato de o que restou da Civilização Grega da Antiguidade sejam apenas os resquícios do que realmente foi produzido em diversos âmbitos do saber e das artes entre 2.350 e 146 a. C., da cultura egéia da ilha de Creta até a conquista da Grécia pelos romanos: “Temos de avaliar o todo pelos fragmentos de uma parte” (p. 343), esta parte nos chegou, quase toda, de Atenas.

**Imagem 12**



*A Parisiense*, fragmento de afresco do Palácio de Cnossos - Creta, c. 1350 a.C. Museu Arqueológico de Heraklion – Grécia.



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Da historiografia grega, por exemplo, Plutarco e Ateneu (170-223 d.C.) mencionam centenas de historiadores, mas Durant lembra: quase todos “foram soterrados pela avalanche do tempo” (p. 343).

Dos textos sobreviventes, os versos sobre pessoas comuns e heróis na *Iliada* e na *Odisseia* atribuídas a Homero (século VIII a. C.): “Sabemos que a guerra é horrível e a *Iliada* é bela. A arte pode emprestar beleza até mesmo ao terror” (p. 46); as descrições do mundo realizadas por Heródoto (485-425 a. C.): “Não descreve apenas reis e rainhas, mas homens de todos os tipos” (p. 339); As aventuras da *Retirada dos Dez Mil* de Xenofonte (430-355 a. C.) que, apesar de não ter confirmação histórica, mostra um estilo vivo, no qual “os traços dos personagens vibram de realismo” (p. 384).

Ademais, os horrores da guerra entre Esparta e Atenas, a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.) narrados por Tucídides e a “impressionante neutralidade que lhe caracteriza a obra” (p. 340); as biografias ganharam espaço como gênero popular entre o público daqueles historiadores, “culminando nas primorosas mexericagens de Plutarco” (p. 384); além do registro da vida do emergente Império Romano realizado por Políbio (203-120 a. C.), “o historiador dos historiadores” (p. 482).

### Imagem 13



*Zeus e Niké em uma batalha. Ânfora Ática com figuras vermelhas, c. século V e VI a. C.*

[Louvre.](#)



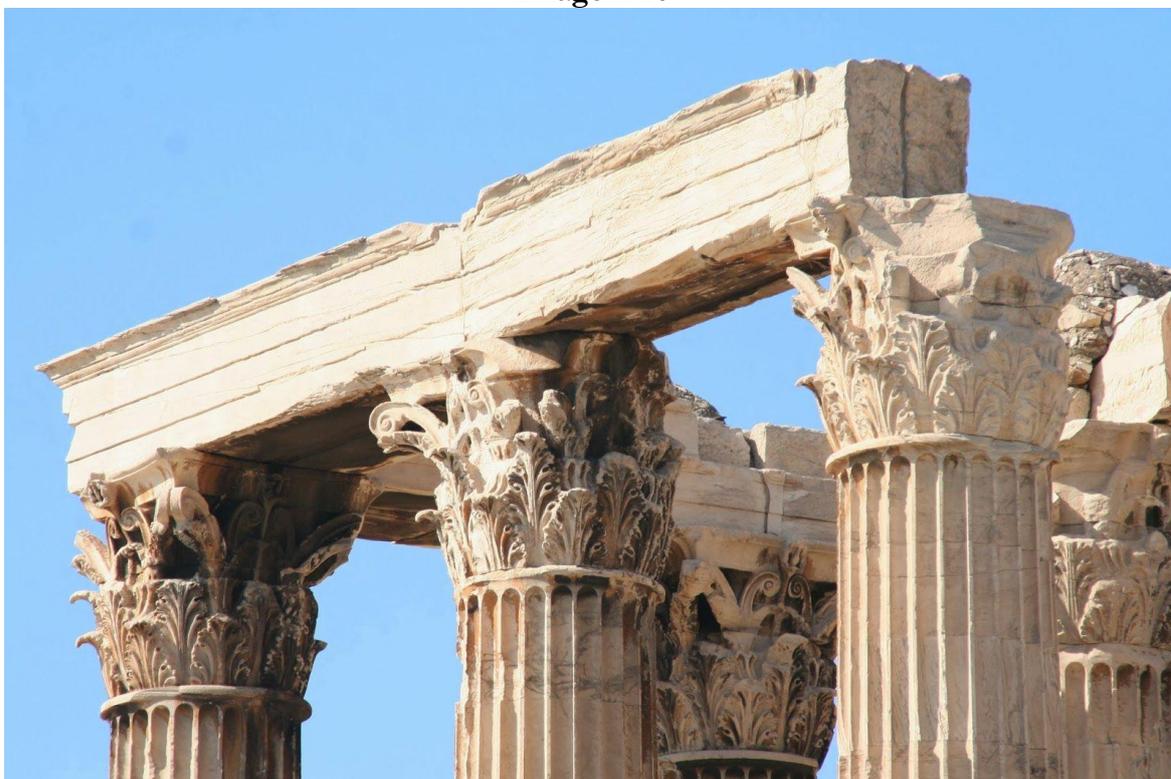
*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Durant não poupou elogios a todos, considera-os marcos a partir dos quais a História se afastou das tediosas listas cronológicas de governantes – como aquelas dos faraós do Egito Antigo – e se transformou em narrativas plenas de vivacidade. Todavia, o relato de Durant a respeito da batalha dos espartanos contra o exército de Xerxes (519-465 a.C.) nas Termópilas é o ápice de sua narrativa, emoção que aflora, talvez, porque a história daqueles guerreiros nos alcançou sem perder seu vigor.

Resistir parecia loucura; a população das cidades gregas, reunida, não chegava a perfazer um décimo do exército de Xerxes. Atenas lançou uma esquadra rumo ao norte na direção da armada persa e Esparta enviou uma pequena força, chefiada pelo rei Leônidas, para impedir por algum tempo o avanço de Xerxes nas Termópilas. A despeito da mais heróica resistência de toda a história, Leônidas fora vencido não tanto pela bravura dos persas como pela traição dos helênicos. Dos dois espartanos sobreviventes, um tombou em Platéia; o outro enforcou-se de vergonha. Os historiadores gregos nos asseguram que os persas perderam 20.000 homens, e os espartanos, 300 (p. 188).

**Imagem 14**



*As volutas dos capitêis que encimam as colunas jônicas são fragmentos gregos, “cuja história nos atinge” (p. 57).*



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Por outro lado, Durant afirma ser notável como apenas os fragmentos desta civilização tão longínqua no espaço-tempo se tornaram o ponto a partir do qual a cultura da Europa Ocidental se formou. E como, sobretudo, os ensinamentos da Grécia Antiga, no correr dos tempos, milênios depois, continuam como referências fundamentais no que tange ao pensamento e às práticas humanas: “Neste momento, milhares de espíritos inquietos estão a ler Platão, talvez em cada país da Terra” (p. 525).

Para enfatizar essa visão, Durant recorre à sua erudição, um impressionante saber histórico, filosófico e artístico que coloca o leitor desavisado em apuros e envergonha o historiador preguiçoso. No decorrer deste livro, Durant faz recorrentes analogias entre a cultura grega da Antiguidade e a cultura da Europa da Modernidade. Da filosofia à arte, revela como uma extensa linha histórica une estas duas temporalidades.

Ao que chamou de “estranha contemporaneidade de modos *antigos e modernos*” (p. 25), citou um extrato da poesia produzida em Esparta – aos quais observa que “por estes poetas podemos verificar que os espartanos nem sempre eram espartanos” (p. 62):

Dormem os picos e as cavernas, as encostas e as ravinas das montanhas; os seres ratejantes que saem da terra escura, as feras que habitam as lombas dos morros, as abelhas, os monstros das purpúreas profundezas do mar; tudo dorme – e com eles dormem as aves (p. 62).

Longo em seguida, cita um trecho da poesia de Goethe (1749-1832), “O canto noturno do caminhante”, para demonstrar a semelhança entre eles:

Sobre os picos dos montes  
Tudo está agora calmo,  
No alto de todas as árvores  
Mal consegue ouvir  
O mais leve sopro;  
Dormem os pássaros no arvoredo.  
Espera; breve, como eles,  
Descansarás também (p. 62).



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

### Imagem 15



*Miquerinos e a Rainha, de Gizé. c. 2470 a.C. Xisto. Museum of Fine Arts - Boston.*



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Humildemente, os gregos consideravam a cultura egípcia mais antiga e, por isso, soberana. Desse modo, muito da herança egípcia estava presente entre a cultura grega, visto que, desde os séculos VII e VI a.C., os portos egípcios estavam abertos aos barcos gregos que chegavam ao norte da África. Muitos gregos famosos visitaram o Egito, entre eles, Tales de Mileto. Durant nos revela que os egípcios riam-se dos gregos, consideravam-nos “crianças fúteis” (p. 55). Entre as mais evidentes influências da cultura egípcia na arte está a ideia de julgamento após a morte, a técnica para moldar o bronze e, claro, as estátuas. Comparemos o casal real da **Imagem 15** e as figuras da **Imagem 16**. Além da postura hierática, da cintura delgada e dos braços que recaem naturalmente ao lado do corpo, é sugestiva a posição de um dos pés, à frente do outro.

**Imagem 16**



*Kouros de Anavyssos, tamanho natural, c. 530 a.C. Museu Arqueológico de Atenas.*



Mirabilia 31 (2020/2)

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Nota-se que não há limites temporais para Durant, o que lhe importa é mostrar como o conhecimento e a arte, em alguns casos, senão na maioria das vezes, são apenas repetições, ou melhor, adaptações posteriores de algo que foi criado no passado. Quanto aos gregos e a modernidade, àqueles Durant assevera que criaram ou transmitiram aos pósteros quase tudo que se conhece, exceto a maquinaria e “as forças cegas da natureza” (p. VII/523), e quanto a estes, os modernos pensadores, adaptaram as ideias gregas às suas realidades e demandas, criando novos saberes, claro, mas a partir de conhecimentos que lhes eram anteriores e antiquíssimos.

As palavras de Giorgio Vasari (1511-1574) escritor da *Renascença Italiana*, fundamentam a opinião de Durant: “Mas, assim como nada se diz que não tenha sido dito, talvez nada haja que não tenha havido”.<sup>5</sup> Sem medo do anacronismo, Durant faz deste um “instrumento de sua profissão”,<sup>6</sup> tal como ocorre enquanto nos descreve algumas obras de arte da Civilização de Creta, berço da Grécia Clássica: 2.500 antes de Cristo, afrescos recobriam as frias e escuras paredes dos palácios com “campos ensolarados [...] diante dessas pinturas ninguém sustentará que a natureza tenha sido uma descoberta de Rousseau” (p. 14).

Imagem 17



Afrescos do Palácio de Cnossos.

<sup>5</sup> VASARI, Giorgio. *Vidas dos artistas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 296.

<sup>6</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015; DANTAS, Bárbara. “[Contar histórias: o anacronismo e as imagens historiadas](#)”. In: *Revista ArteContexto: plataforma multimídia*, v. 9, 2016.



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Em seu *Prefácio*, Durant alerta o leitor a respeito de que se trata o livro: “Não há nada na civilização grega que não ilumine a nossa” (p. VII). Ao final da leitura, vê-se que o autor prova sua hipótese. E vai além: se a Grécia Antiga nos ensinou o que é a democracia, também nos ensinou os defeitos desta forma de governo. Aliás, quase tudo que se conhece a respeito da administração de Estados por meio de regimes políticos (a ditadura, a tirania, a monarquia e a democracia) foram experimentadas em menor medida, e no decorrer de séculos, pelo gregos da Antiguidade.

Para além da homogeneidade fundamentada em uma língua comum, as cidades-estados gregas eram unidas culturalmente, embora separadas em regimes políticos próprios aos seus microestados. Entre acertos e erros, os governantes das cidades-estados gregas nos ensinaram que grande parte dos regimes políticos têm suas vantagens e desvantagens. A democracia grega favoreceu o facciosismo político e “contentou-se com os escravos” (p. 497), mas nos transmitiu as ideias de governo responsável e de julgamento pelo júri (p. 523-524). No século IV, as ditaduras já tinham ensinado aos gregos o valor da liberdade e estavam prontos para a “realização do governo representativo” (p. 183), regime de governo sem precedentes.

A ditadura pode instituir a ordem, porém, pratica o morticínio da oposição - exceção feita a Hierão II, ditador de Siracusa no século IV a. C. que “governou durante 54 anos, diz Políbio, embasbacado, sem matar, exilar ou maltratar um único cidadão, o que torna o fato assombroso” (p. 471).

Quanto à oligarquia, a mais famosa é a de Esparta e, para Durant, é um tipo de governo liderado por uma classe preparada para exercer funções governativas, porém, é responsável pelo fosso que separa os oligarcas – esta diminuta classe portadora de direitos políticos – do povo – a imensa maioria da população. Na medida que a riqueza da oligarquia política aumenta, a pobreza popular também cresce, e o fosso se aprofunda e cresce em diâmetro.



*Mirabilia* 31 (2020/2)

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

### Imagem 18



Guerreiro hoplita, escultura em mármore, século V a.C. Museu Arqueológico de Esparta.

Esparta, “a esparsa”, junção de 5 cidades onde viviam aproximadamente 7.000 habitantes. Os lacedemônios – como se automeavam – eram senhores do Peloponeso, península protegida por altas montanhas escarpadas, assombrosas para os viajantes que ousavam percorrê-las. Estes montes elevados resguardaram Esparta



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

de tal forma que não precisou de muralhas e cultivou, ao mesmo tempo, uma severa aversão aos estrangeiros e ignoravam o que acontecia fora da Lacedemônia (p. 70). Durant afirmou ser impressionante a falta de hospitalidade dos espartanos e a necessidade de autorização do governo para sair da cidade (p. 69).

Platão e Plutarco foram intrépidos viajantes que chegaram à Lacedemônia. De lá voltaram preconizando o admirável regime político, os espartanos consideravam a democracia como berço do caos e da vulgaridade; a sóbria sociedade, na qual todos compartilhavam diariamente, sem distinção ou exceção, uma frugal refeição pública vestidos com as mesmas túnicas simples; e, claro, não pouparam elogios aos espartanos e espartanas: aos primeiros, consideraram os mais fortes e belos gregos entre todos, quanto às mulheres, as mais sadias e encantadoras de toda a Grécia (p. 66).

Durant não perdeu a oportunidade de se contrapor ao que chamou de “Uma Apreciação de Esparta”, da qual nem Xenofonte escapou: “Podiam elogiar Esparta, já que não eram obrigados a viver lá. Não podiam sentir de perto o egoísmo, a indiferença e a crueldade do caráter espartano” (p. 70). Outrora, Esparta “dominou e arruinou a Grécia”; hoje, não é mais que uma pequena aldeia (p. 59).

Para Durant, até a monarquia teve sua gênese junto aos gregos, os reis eram mais tolerantes e úteis à pesquisa do que as democracias (p. 492), contudo, “a liberdade de expressão do pensamento era perturbada pela presença ou lembrança das guarnições reais” (p. 505). Da cultura monárquica oriental, os gregos assimilaram o caráter divino e inatingível da realeza, mentalidade que teve vida longa nas cortes europeias, da Idade Média à Modernidade.

Egito, Pérsia e Cartago compartilhavam, entre os gregos, a alcunha de bárbaros por promoverem a formação de “um homem que se contentava em crer sem raciocínio e em viver sem liberdade” (p. 57), estes *barbaroi* não cessaram suas investidas contra os gregos. O Egito foi assimilado pelo helenismo, Cartago teria seu fim sob a lança romana.

A Pérsia ruiu frente a um jovem de cabelos cacheados, pois quando as conquistas do rei macedônio Alexandre Magno, *o Grande* (356-323 a. C.) eliminaram as fronteiras entre o Oriente e a Grécia, seu legado tomou o nome de *helenismo*. “Os helenos alastraram-se” (p. 57). Dispersaram-se a leste, ao Oriente. Em contrapartida, do Oriente, os gregos assimilaram o misticismo indiano, que acabou por vencer o racionalismo filosófico e



Mirabilia 31 (2020/2)

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

possibilitou o nascimento e sucesso do estoicismo, predecessor do neoplatonismo e da futura teologia cristã (p. 512). Enquanto a Grécia percia lentamente, a cultura grega se disseminava para erguer novas civilizações: “Por uma centenas de canais, a antiga civilização desaguava na nova” (p. 19).

Quase 2.000 anos depois, o Cristianismo se fortalecerá no Ocidente Medieval e, na Modernidade, expandir-se-á ao redor do mundo nos barcos europeus que singraram os Setes Mares. Mas, o horizonte que se descortinou não foi diferente daquele visto pelos antigos gregos: a um forte espiritualismo estreitamente associado aos tempos primevos e presente em todos os âmbitos da sociedade, o fim dos tempos modernos – a *Era das Revoluções (1789-1848)*, segundo Eric Hobsbawn (1917-2021) – mergulhava fundo no prazer material, mesmo que efêmero, associado ao prazer sensual, à glória militar e ao luxo. Naquelas revoluções, por vezes, simultâneas (Revolução Industrial, Francesa, etc), o Cristianismo se tornou o emblema máximo de um passado não mais desejado. As igrejas começaram a se esvaziar e a ruir, como lamentou o artista Auguste Rodin (1840-1917) ao visitar os decadentes santuários centenários do interior da França.<sup>7</sup>

Milênios antes, ocorrera o mesmo em relação à crença no Panteão de Deuses Gregos liderados por “Zeus, o ‘Mandachuva’, o deus dos deuses” (p. 58) – que recebeu esta alcunha devido à importância das chuvas para uma região escassa em pluviosidade. Os crentes (antigos e modernos), não mais sabiam de onde vinham, para quê serviam e que fim teriam. Os modernos se entregaram ao infanticídio, consequência da pouca estima em formar famílias; além disso, a boemia se generalizou e trouxe consigo a tuberculose. Para Durant, isso tudo é muito simples, seja na Antiguidade, seja na Modernidade, “as nações nascem estóicas e morrem epicuristas” (p. 17).

“Os judeus helenísticos escreveram as mais primorosas partes da Bíblia” (p. 474). Entre os séculos III e II a. C., de Jerusalém ou Alexandria saíram os *Cânticos dos Cânticos*, *Eclesiastes*, *O Livro de Daniel*, parte dos *Provérbios* e dos *Salmos*, além dos *Macabeus I e II*. O helenismo levou a cultura grega até Bizâncio, ao Norte; em direção ao Oeste, pelas mãos dos conquistadores romanos, o helenismo se transformou em cultura romana: “Roma absorveu e disseminou a civilização da Hélade” (p. 27).

Já ancião e renegado como orador ou estadista, Isócrates (436-338 a.C) “inventou o ensaio como forma literaria” (p. 382). Michel de Montaigne (1533-1592), autor dos *Ensaio*s (1580), concordaria com Durant? Isócrates testemunhou os últimos suspiros de

<sup>7</sup> RODIN, Auguste. *Grandes Catedrais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

uma Grécia ainda livre, como “um orgulhoso ateniense”, tinha ojeriza ao teatro trágico, via com extrema desconfiança a força crescente da Pérsia, a desunião dos gregos e as traições de Esparta. Suas palavras plenas de amargura chegaram até nós:

Inúmeros são os males que perturbam a natureza do homem, e ainda fomos inventar outros, talvez mais nefastos, engendrando guerras e facções entre nós mesmos... Contra estes males ninguém protestou; e o povo não se envergonha de chorar sobre as calamidades fabricadas pelos poetas, enquanto por outro lado contempla com indiferentismo sofrimentos reais e a série de horrores que resultam de nosso estado de guerra; longe de apiedar-se, regozija-se mais das tristezas alheias do que da própria felicidade (p. 382).

Ao se estender em direção ao sul, o helenismo chegou ao Egito ainda faraônico, onde Demétrio de Falero foi o idealizador do Museu de Alexandria, ou a Casa das Musas, instituição consagrada às Artes e às pesquisas científicas (p. 462). No século II a. C.: “Todos os homens de cultura nos novos impérios aprendiam o grego como instrumento de diplomacia, literatura e ciência” (p. 472).

Ao cabo, lembro que um dos capítulos do livro de Durant se chama “Ornamentação da vida” (p. 245). Com efeito, se os gregos da Era de Péricles souberam ornar Atenas com obras de arte e a vida com poesia e filosofia, a obra de Durant é uma história dos gregos ricamente ornamentada com frases de efeito e reflexões que tocam a alma do leitor. Para isso, foi necessário um acúmulo de informações que ocupou mais de 600 páginas o que nos reporta ao irônico lembrete do próprio Durant ao citar Calímaco, um dramaturgo grego: “Um livro grande é um grande mal – de cuja veracidade o leitor encontrará um exemplo diante dos olhos” (p. 478).

A esse respeito, Estrabão (63 a.C.-23 d.C.) nos conta que “há muito absurdo em Heródoto” (p. 340). Juízo correto, porém, injusto. Afinal, Heródoto tentou abranger um campo extremamente vasto de informações e isso oportuniza alguns erros. Contudo, Durant ressalta que: “Sua ignorância é tão ampla quanto seus conhecimentos; a sua credulidade, tão grande quanto sua sabedoria” (p. 340). Mas, quando Heródoto escreveu a respeito de coisas, lugares e seres que pôde observar pessoalmente, o conhecimento que possuímos hoje confirma seus depoimentos.

Em outra passagem, Durant defende outro formulador de uma obra extensa, Aristóteles. Que os críticos de Durant recebam esta defesa como uma resposta a eles:



*Mirabilia 31 (2020/2)*

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

É desnecessário submeter a julgamento a obra de Aristóteles. Nunca antes, que se saiba, conseguirá alguém construir tão admirável edifício do pensamento. Quando um homem abrange um campo tão vasto, podemos perdoar-lhe muitos erros, desde que o resultado de seus esforços contribua para nossa compreensão da vida (p. 421).

\*\*\*

## Fontes

VASARI, Giorgio. *Vidas dos artistas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

## Referências

COSTA, Ricardo da. “Para que serve a História? Para nada...”. In: *Visões da História*. Santo André: Armada, 2019, p. 57-83. [Internet](#).

DANTAS, Bárbara. “[Contar histórias: o anacronismo e as imagens historiadas](#)”. In: *Revista Arte Contexto: plataforma multimídia*, v. 9, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RODIN, Auguste. *Grandes Catedrais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.